Biblioteca Virtualbooks

DESENCANTOS

MACHADO DE ASSIS

DESENCANTOS

A
Quintino Bocaiúva

INTERLOCUTORES

Clara de Souza
Luiz de Melo
Pedro Alves

PRIMEIRA PARTE

EM PETRÓPOLIS

Um jardim, terraço ao fundo

CENA I
Clara, Luiz de Melo

CLARA - Custa a crer o que me diz. Pois deveras saiu aborrecido do baile?
LUIZ - É verdade.
CLARA - Dizem entretanto que esteve animado...
LUIZ - Esplêndido!
CLARA - Esplêndido, sim!
LUIZ - Maravilhoso.
CLARA - Essa é, pelo menos, a opinião geral. Se eu lá fosse, estou certa de que seria a minha.

LUIZ - Pois eu lá fui e não é essa a minha opinião.
CLARA - É difícil de contentar nesse caso.
LUIZ - Oh! não.
CLARA - Então as suas palavras são um verdadeiro enigma.
LUIZ - Enigma de fácil decifração.
CLARA - Nem tanto.
LUIZ - Quando se dá preferência a uma flor, à violeta, por exemplo, todo o jardim onde ela não apareça, embora esplendido, é sempre incompleto.
CLARA - Faltava então uma violeta nesse jardim.
LUIZ - Faltava. Compreende agora?
CLARA - Um pouco.
LUIZ - Ainda bem!
CLARA - Venha sentar-se neste banco de relva, à sombra desta árvore copada. Nada lhe falta para compor um idílio, já que é dado a esse gênero de poesia. Tinha então muito interesse em ver lá essa flor?
LUIZ - Tinha. Com a mão na consciência, falo-lhe a verdade; essa flor não e uma predileção do espírito, é uma escolha do coração.
CLARA - Vejo que se trata de uma paixão. Agora compreendo a razão por que não lhe agradou o baile, e o que era enigma, para a ser a coisa mais natural do mundo. Está absolvido do seu delito.
LUIZ - Bem vê que tenho circunstâncias atenuantes a meu favor.
CLARA - Então o senhor ama?
LUIZ - Loucamente, e como se pode amar aos vinte e dois anos, com todo o ardor de um coração cheio de vida. Na minha idade o amor é uma preocupação exclusiva que se apodera do coração e da cabeça. Experimentar outro sentimento, que não seja esse, pensar em outra coisa, que não seja o objeto escolhido pelo coração, é impossível. Desculpe se lhe falo assim...
CLARA - Pode continuar. Fala com um entusiasmo tal, que me faz parecer estar ouvindo algumas das estrofes do nosso apaixonado Gonzaga.
LUIZ - O entusiasmo do amor é por ventura o mais vivo e ardente.
CLARA - E por isso o menos duradouro. E como a palha que se inflama com intensidade, mas que se apaga logo depois.
LUIZ - Não aceito a comparação. Pois Deus havia de inspirar ao homem esse sentimento, tão suscetível de morrer assim? Demais, a prática mostra o contrário.
CLARA - Já sei. Vem falar-me de Heloisa e Abeillard, Pyramo e Tysbe, e quanto exemplo a história e a fábula nos dão. Esses

não provam. Mesmo porque são exemplos raros, é que a história os aponta. Fogo de palha, fogo de palha e nada mais.
LUIZ - Pesa-me que de seus lábios saiam essas palavras.
CLARA - Por que?
LUIZ - Porque eu não posso admitir a mulher sem os grandes entusiasmos do coração. Chamou-me há pouco de poeta; com efeito eu assemelho-me por esse lado aos filhos queridos das musas. Esses imaginam a mulher um ente intermediário que separa os homens dos anjos e querem-na participante das boas qualidades de uns e de outros. Dir-me-á que se eu fosse agiota não pensaria assim; eu responderei que não são os agiotas os que têm razão neste mundo.
CLARA - Isso é que é ver as coisas através de um vidro de cor. Diga-me: sente deveras o que diz a respeito do amor, ou está fazendo uma profissão de fé de homem político?
LUIZ - Penso e sinto assim.
CLARA - Dentro de pouco tempo verá que tenho razão.
LUIZ - Razão de que?
CLARA - Razão de chamar fogo de palha ao fogo que lhe devora o coração.
LUIZ - Espero em Deus que não.
CLARA - Creio que sim.
LUIZ - Falou-me há pouco em fazer um idílio, e eu estou com desejos de compor uma ode sáfica.
CLARA - A que respeito?
LUIZ - Respeito à crueldade das violetas.
CLARA - E depois ia atirar-se à torrente do Itamarati? Ah! como anda atrasado do seu século!
LUIZ - Ou adiantado...
CLARA - Adiantado, não creio. Voltaremos nós à simplicidade antiga?
LUIZ - Oh! tinha razão aquela pobre poetiza de Lesbos em atirar-se às ondas. Encontrou na morte o esquecimento das suas dores íntimas. De que lhe servia viver amando sem esperança?
CLARA - Dou-lhe de conselho que perca esse entusiasmo pela antiguidade. A poetiza de Lesbos quis figurar na história com uma face melancólica; atirou-se de Leucate. Foi cálculo e não virtude.
LUIZ - Está pecando, minha senhora.
CLARA - Por blasfemar do seu ídolo?
LUIZ - Por blasfemar de si. Uma mulher nas condições da décima musa nunca obra por cálculo. E V. Excia., por mais que queira, deve estar nas mesmas condições de sensibilidade, que a poetiza antiga, bem como esta nas de beleza.

CENA II

Luis de Mello, Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Boa tarde, minha interessante vizinha. Sr. Luiz de Mello!
CLARA - Faltava o primeiro folgazão de Petrópolis, a flor da emigração!
PEDRO ALVES - Nem tanto assim.
CLARA - Estou encantada por ver assim a meu lado os meus dois vizinhos, o da direita e o da esquerda.
PEDRO ALVES - Estavam conversando? Era segredo?
CLARA - Oh! não. O Sr. Luiz de Mello fazia-me um curso de história depois de ter feito outro de botânica. Mostrava-me a sua estima pela violeta e pela Safo.
PEDRO ALVES - E que dizia a respeito de uma e de outra?
CLARA - Erguia-as às nuvens. Dizia que não considerava jardim sem violeta, e quanto ao salto de Leucate, batia palmas com verdadeiro entusiasmo.
PEDRO ALVES - E ocupava V. Excia. com essas coisas? Duas questões banais. Uma não tem valor moral, outra não tem valor atual.
LUIZ - Perdão, o Sr. chegava quando eu ia concluir o meu curso botânico e histórico. Ia dizer que também detesto as parasitas de todo o gênero, e que tenho asco aos histriões de Atenas. Terão estas duas questões valor moral e atual?
PEDRO ALVES *(enfado)* - Confesso que não compreendo.
CLARA - Diga-me, Sr. Pedro Alves: foi à partida de ontem à noite?
PEDRO ALVES - Fui, minha senhora.
CLARA – Divertiu-se?
PEDRO ALVES - Muito. Dancei e joguei a fartar, e quanto a doces, não enfardei mal o estômago. Foi uma deslumbrante função. Ah! notei que não estava lá.
CLARA - Uma maldita enxaqueca reteve-me em casa.
PEDRO ALVES - Maldita enxaqueca!
CLARA - Consola-me a idéia de que não fiz falta.
PEDRO ALVES - Como? não fez falta?
CLARA - Cuido que todos seguiram o seu exemplo e que dançaram e jogaram a fartar, não enfardando mal o estômago, quanto a doces.
PEDRO ALVES - Deu um sentido demasiado literal às minhas palavras.

CLARA - Pois não foi isso que me disse?
PEDRO ALVES - Mas eu queria dizer outra coisa.
CLARA - Ah! isso é outro caso. Entretanto acho que é dado a qualquer divertir-se ou não num baile, e por conseqüência dizê-lo.
PEDRO ALVES - A qualquer, D. Clara!
CLARA - Aqui está o nosso vizinho que acaba de me dizer que se aborreceu no baile...
PEDRO ALVES *(consigo)* - Ah! *(alto)* De fato, eu o vi entrar e sair pouco depois com ar assustadiço e penalizado.
LUIZ - Tinha de ir tomar chá em casa de um amigo e não podia faltar.
PEDRO ALVES - Ah! foi tomar chá. Entretanto correram certos boatos depois que o senhor saiu.
LUIZ - Boatos?
PEDRO ALVES - É verdade. Houve quem se lembrasse de dizer que o senhor saíra logo por não ter encontrado da parte de uma dama que lá estava o acolhimento que esperava.
CLARA *(olhando para Luiz)* - Ah!
LUIZ - Oh! isso é completamente falso. Os maldizentes estão por toda parte, mesmo nos bailes; e desta vez não houve tino na escolha dos convidados.
PEDRO ALVES - Também é verdade. *(Baixo à Clara).* Recebeu o meu bilhete?
CLARA *(depois de um olhar).* - Como é bonito o pôr do sol! Vejam que magnífico espetáculo!
LUIZ - É realmente encantador.
PEDRO ALVES - Não é feio; tem mesmo alguma coisa de grandioso. *(Vão ao terraço).*
LUIZ - Que colorido e que luz!
CLARA - Acho que os poetas têm razão celebrarem esta hora final do dia!
LUIZ - Minha senhora, os poetas têm sempre razão. E quem não se extasiará diante deste quadro?
CLARA - Ah!
LUIZ e PEDRO ALVES - O que é?
CLARA - É o meu leque que caiu! Vou mandar apanhá-lo.
PEDRO ALVES - Como apanhar? Vou eu mesmo.
CLARA - Ora, tinha que ver! Vamos para a sala e eu mandarei buscá-lo.
PEDRO ALVES - Menos isso. Deixe-me a glória de trazer-lhe o leque.
LUIZ - Se consente, eu faço concorrência ao desejo do Sr. Pedro Alves...

CLARA - Mas então apostaram-se?
LUIZ - Mas se isso é um desejo de nós ambos. Decida.
PEDRO ALVES - Então o senhor quer ir?
LUIZ *(a Pedro Alves)* - Não vê que espero a decisão?
PEDRO ALVES - Mas a idéia é minha. Entretanto, Deus me livre de dar-lhe motivo de queixa, pode ir.
LUIZ - Não espero mais nada.

CENA III
Pedro Alves, Clara

PEDRO ALVES - Este nosso vizinho tem uns ares de superior que me desagradam. Pensa que não compreendi a alusão da parasita e dos histriões? O que não me fazia conta era desrespeitar a presença de V. Excia., mas não faltam ocasiões para castigar um insolente.
CLARA - Não lhe acho razão para falar assim. O Sr. Luiz de Melo é um moço de maneiras delicadas e está longe de ofender a quem quer que seja, muito menos a uma pessoa que eu considero...
PEDRO ALVES - Acha?
CLARA - Acho sim.
PEDRO ALVES - Pois eu não. São modos de ver. Tal seja o ponto de vista em que V. Excia. se coloca... Cá o meu olhar apanha-o em cheio e diz-me que ele merece bem uma lição.
CLARA - Que espírito belicoso é esse?
PEDRO ALVES - Este espírito belicoso o ciúme. Eu sinto ter por concorrente a este vizinho que se antecipa a visitá-la, e a quem V. Excia. dá tanta atenção.
CLARA - Ciúme!
PEDRO ALVES - Ciúme, sim. O que me respondeu V. Excia. à pergunta que lhe fiz sobre o meu bilhete? Nada, absolutamente nada. Talvez nem o lesse; entretanto eu pintava-lhe nele o estado do meu coração, mostrava-lhe os sentimentos que me agitam, fazia-lhe uma autópsia, era uma autópsia, que eu lhe fazia de meu coração. Pobre coração! Tão mal pago dos seus extremos, e entretanto tão pertinaz em amar!
CLARA - Parece-me bem apaixonado. Devo considerar-me feliz por ter perturbado a quietação do seu espírito. Mas a sinceridade nem sempre é companheira da paixão.
PEDRO ALVES - Raro se aluam, é verdade, mas desta vez não é assim. A paixão que eu sinto é sincera, e pesa-me que meus avós não tivessem uma espada para eu sobre ela jurar...

CLARA - Isso é mais uma arma de galantaria que um testemunho de verdade. Deixe antes que o tempo ponha em relevo os seus sentimentos.
PEDRO ALVES - O tempo! Há tanto que me diz isso! Entretanto continua o vulcão em meu peito e só pode ser apagado pelo orvalho do seu amor.
CLARA - Estamos em pleno outeiro. às suas palavras parecem um mote glosado em prosa. Ah! a sinceridade não está nessas frases gastas e ocas.
PEDRO ALVES - O meu bilhete, entretanto, é concebido em frases bem tocantes e simples.
CLARA - Com franqueza, eu não li o seu bilhete.
PEDRO ALVES - Deveras?
CLARA - Deveras.
PEDRO ALVES *(tomando o chapéu)* - Com licença.
CLARA - Onde vai? Não compreende que quando digo que não li o seu bilhete é porque quero ouvir da sua própria boca as palavras que nele se continham?
PEDRO ALVES - Como? Será por isso?
CLARA - Não acredita?
PEDRO ALVES - É capricho de moça bonita e nada mais. Capricho sem exemplo.
CLARA - Dizia-me então?...
PEDRO ALVES - Dizia-lhe que, com o espírito vacilante como baixei prestes a soçobrar, eu lhe escrevia à luz do relâmpago que me fuzila n'alma aclarando as trevas que uma desgraçada paixão ai me deixa. Pedia-lhe a luz dos seus olhos sedutores para servir de guia na vida e poder encontrar sem perigo o porto de salvamento. Tal é no seu espírito a segunda edição de minha carta. As cores que nela empreguei são a fiel tradução do que senti e sinto. Está pensativa?
CLARA - Penso em que, se me fala verdade, a sua paixão é rara e nova para estes tempos.
PEDRO ALVES - Rara e muito rara; pensa que eu sou lá desses que procuram vencer pelas palavras melífluas e falsas. Sou rude, mas sincero.
CLARA - Apelemos para o tempo.
PEDRO ALVES - É um juiz tardio. Quando a sua sentença chegar, eu estarei no túmulo e será tarde.
CLARA - Vem agora com idéias fúnebres!
PEDRO ALVES - Eu não apelo para o tempo. O meu juiz está em face de mim, e eu quero já beijar antecipadamente a mão que há de lavrar a minha sentença de absolvição. *(Quer beijar-lhe a mão. Clara sai).* Ouça! Ouça!

CENA IV

Luiz de Mello, Pedro Alves

PEDRO ALVES *(só)* - Fugiu! Não tarda ceder. Ah! o meu adversário!
LUIZ - D. Clara?
PEDRO ALVES - Foi para a outra parte do jardim.
LUIZ - Bom *(vai sair).*
PEDRO ALVES - Disse-me que o fizesse esperar; eu estimo bem estarmos a sós porque tenho de lhe dizer algumas palavras.
LUIZ - Às suas ordens. Posso ser-lhe útil?
PEDRO ALVES - Útil a mim e a si. Eu gosto das situações claras e definidas. Quero poder dirigir a salvo e seguro o meu ataque. Se lhe falo deste modo é porque, simpatizando com as suas maneiras, desejo não trair a uma pessoa a quem me ligo por um vínculo secreto. Vamos ao caso: é preciso que me diga quais as suas intenções, qual o seu plano de guerra; assim, cada um pode atacar por seu lado a praça, e o triunfo será do que melhor tiver empregado os seus tiros.
LUIZ - A que vem essa belicosa parábola?
PEDRO ALVES - Não compreende ?
LUIZ - Tenha a bondade de ser mais claro.
PEDRO ALVES - Mais claro ainda? Pois serei claríssimo: a viúva do coronel é uma praça sitiada.
LUIZ - Por quem?
PEDRO ALVES - Por mim, confesso. E afirmo que por nós ambos.
LUIZ - Informaram-no mal. Eu não faço a corte à viúva do coronel.
PEDRO ALVES - Creio em tudo quanto quiser, menos nisso.
LUIZ - A sua simpatia por mim vai até desmentir as minhas asserções?
PEDRO ALVES - Isso não é discutir. Deveras, não faz a corte à nossa interessante vizinha?
LUIZ - Não, as minhas atenções para com ela não passam de uma retribuição a que, como homem delicado, não me poderia furtar.
PEDRO ALVES - Pois eu faço.
LUIZ - Seja-lhe para bem! Mas a que vem isso?
PEDRO ALVES - A coisa alguma. Desde que me afiança não ter a menor intenção oculta nas suas atenções, a explicação está

dada. Quanto a mim, faço-lhe a corte e digo-o bem alto. Apresento-me candidato ao seu coração e para isso mostro títulos valiosos. Dirão que sou presumido; podem dizer o que quiser.
LUIZ - Desculpe a curiosidade: quais são esses títulos?
PEDRO ALVES - A posição que a fortuna me dá, um físico que pode-se chamar belo, uma coragem capaz de afrontar todos os muros e grades possíveis e imagináveis, e para coroar a obra uma discrição de pedreiro-livre.
LUIZ - Só?
PEDRO ALVES - Acha pouco?
LUIZ - Acho.
PEDRO ALVES - Não compreendo que haja precisão de mais títulos além destes.
LUIZ - Pois há. Essa posição, esse físico, essa coragem e essa discrição, são certo apreciáveis, mas duvido que tenha valor diante de uma mulher de espírito.
PEDRO ALVES - Se a mulher de espírito for da sua opinião.
LUIZ - Sem dúvida alguma que há de ser.
PEDRO ALVES - Mas continue, quero ouvir o fim de seu discurso.
LUIZ - Onde fica no seu plano de guerra, já que aprecia este gênero de figura, onde fica, digo eu, o amor verdadeiro, a dedicação sincera, o respeito, filho de ambos, e que essa D. Clara sitiada deve inspirar?'
PEDRO ALVES - A corda em que acaba de tocar está desafinada há muito tempo e não dá som. O amor, o respeito, e a dedicação! Se o não conhecesse, diria que o senhor acaba de chegar do outro mundo.
LUIZ - Com efeito, pertenço a um mundo que não é absolutamente o seu. Não vê que tenho um ar de quem não está em terra própria e fala com uma variedade da espécie?
PEDRO ALVES - Já sei; pertence à esfera dos sonhadores e dos visionários. Conheço boa soma de seus semelhantes que me tem dado bem boas horas de riso e de satisfação. É uma tribo que se não acaba, pelo que vejo?
LUIZ - Ao que parece, não?
PEDRO ALVES - Mas é evidente que perecerá.
LUIZ - Não sei. Se eu quisesse concorrer ao bloqueio da praça em questão, era azada ocasião para julgar do esforço recíproco e vermos até que ponto a ascendência do elemento positivo exclui a influência do elemento ideal.
PEDRO ALVES - Pois experimente.
LUIZ - Não; disse-lhe já que respeito muito a viúva do coronel e estou longe de sentir por ela a paixão do amor.

PEDRO ALVES - Tanto melhor. Sempre é bom não ter pretendentes para combater. Ficamos amigos, não?
LUIZ - De certo.
PEDRO ALVES - Se eu vencer, o que dirá?
LUIZ - Direi que há certos casos em que com toda a satisfação se pode ser padrasto e direi que esse é o seu caso.
PEDRO ALVES - Oh! se a Clarinha não tiver outro padrasto se não eu...

CENA V
Pedro Alves, Luiz, D. Clara

CLARA - Estimo bem vê-los juntos.
PEDRO ALVES - Discutíamos.
LUIZ - Aqui tem o seu leque; está intacto.
CLARA - Meu Deus, que trabalho que foi tomar. Agradeço-lhe do íntimo. É uma prenda que tenho em grande conta; foi-me dado por minha irmã Matilde, em dia de anos meus. Mas tenha cuidado; não aumente tanto a lista das minhas obrigações; a dívida pode engrossar e eu não terei por fim com que solvê-la.
LUIZ - De que dívida me fala? A dívida aqui é minha, dívida perene, que eu mal amortizo por uma gratidão sem limite. Posso eu pagá-la nunca?
CLARA - Pagar o quê?
LUIZ - Pagar estas horas de felicidade calma que a sua graciosa urbanidade me dá e que constituem os meus fios de ouro no tecido da vida.
PEDRO ALVES - Reclamo a minha parte nessa ventura.
CLARA - Meu Deus, declaram-se em justa? Não vejo senão quebrarem lanças em meu favor. Cavalheiros, ânimo, a liça está aberta, e a castelã espera o reclamo do vencedor.
LUIZ - Oh! a castelã pode quebrar o encanto do vencedor desamparando a galeria e deixando-o só com as feridas abertas no combate.
CLARA - Tão pouca fé o anima?
LUIZ - Não é a fé das pessoas que me falta, mas a fé da fortuna. Fui sempre tão mal aventurado que nem tento acreditar por momento na boa sorte.
CLARA - Isso não é natural num cavalheiro cristão.
LUIZ - O cavalheiro cristão está prestes a mourar.
CLARA - Oh!

LUIZ - O sol do oriente aquece os corações, ao passo que o de Petrópolis esfria-os.
CLARA - Estude antes o fenômeno e não vá sacrificar a sua consciência. Mas, na realidade, tem sempre encontrado a derrota nas suas pelejas?
LUIZ - A derrota foi sempre a sorte das minhas armas. Será que elas sejam mal temperadas? será que eu não as maneje bem? Não sei.
PEDRO ALVES - É talvez uma e outra coisa.
LUIZ - Também pode ser.
CLARA - Duvido.
PEDRO ALVES - Duvida?
CLARA - E sabe quais são as vantagens seus vencedores?
LUIZ - Demais até.
CLARA - Procure alcançá-las.
LUIZ - Menos isso. Quando dois adversários se medem, as mais das vezes o vencedor é sempre aquele, que à elevada qualidade de tolo reúne uma sofrível dose de presunção. A esse as palmas da vitória, a esse a boa fortuna da guerra: quer que o imite?
CLARA - Disse - as mais das vezes -confessa, pois, que há exceções.
LUIZ - Fora absurdo negá-las, mas declaro que nunca as encontrei.
CLARA - Não deve desesperar, porque a fortuna aparece quando menos se conta com ela.
LUIZ - Mas aparece às vezes tarde. Chega quando a porta está cerrada e tudo que nos cerca é silencioso e triste; Então a peregrina demorada entra como uma amiga consoladora, mas sem os entusiasmos ao coração.
CLARA - Sabe o que o perde! É a fantasia.
LUIZ - A fantasia?
CLARA - Não lhe disse a pouco que o senhor via as coisas através de um vidro de cor! É o óculo da fantasia, óculo brilhante, mas mentiroso, que transtorna o aspecto do panorama social, e que faz vê-lo pior do que é, para dar-lhe um remédio melhor do que pode ser.
PEDRO ALVES - Bravo! Deixe-me V. Excia. beijar-lhe a mão.
CLARA - Por que!
PEDRO ALVES - Pela lição que acaba de dar ao Sr. Luiz de Mello.
CLARA - Ah! por que o acusei de visionário! O nosso vizinho carece de quem lhe fale assim. Perder-se-á se continuar a viver no mundo abstrato das suas teorias platônicas.
PEDRO ALVES - Ou por outra, e mais positivamente, V. Excia. mostrou-lhe que acabou o reinado das baladas e da pasmaceira,

para dar lugar ao império dos homens de juízo e dos espíritos sólidos.
LUIZ - V. Excia. toma então o partido que me é adverso!
CLARA - Eu não tomo partido nenhum.
LUIZ - Entretanto, abriu brecha aos assaltos do Sr. Pedro Alves, que se compraz em mostrar-se espírito sólido e homem de juízo.
PEDRO ALVES - E de muito juízo. Pensa que eu adoto o seu sistema de fantasia, e por assim dizer, de choradeira? Nada. o meu sistema é absolutamente oposto; emprego os meios bruscos por serem os que estão de acordo com o verdadeiro sentimento. Os da minha têmpera são assim.
LUIZ - E o caso é que são felizes.
PEDRO ALVES - Muito felizes. Temos boas armas e manejamo-las bem. Chame a isso toleima e presunção, pouco nos importa; é preciso que os vencidos tenham um desafogo.
CLARA *(a Luiz de Melo)* - O que diz a isto?
LUIZ - Digo que estou muito fora do meu século. O que fazer contra adversários que se contam em grande número, número infinito, a admitir a versão dos livros santos?
CLARA - Mas, realmente, não vejo que pudesse responder com vantagem.
LUIZ - E V. Excia. sanciona a teoria contrária?
CLARA - A castelã não sanciona, anima os lidadores.
LUIZ - Animação negativa para mim. V. Excia. dá-me licença?
CLARA - Onde vai?
LUIZ - Tenho uma pessoa que me espera em casa. V. Excia. janta às seis, o meu relógio marca cinco. Dá-me este primeiro quarto de hora?
CLARA - Com pesar, mas não quero tolhê-lo. Não falte.
LUIZ - Volto já.

CENA VI
Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Estou contentíssimo.
CLARA - Por que?
PEDRO ALVES - Porque lhe demos uma lição.
CLARA - Ora, não seja mau!
PEDRO ALVES - Mau! Eu sou bom até demais. Não vê como ele me provoca a cada instante?
CLARA - Mas, quer que lhe diga uma coisa? É preciso acabar

com essas provocações contínuas.
PEDRO ALVES - Pela minha parte, nada há; sabe que sou sempre procurado na minha gruta. Ora, não se toca impunemente no leão...
CLARA - Pois seja leão até à última, seja magnânimo.
PEDRO ALVES - Leão apaixonado e magnânimo? Se fosse por mim só, não duvidaria perdoar. Mas diante de V. Excia., por quem tenho presa a alma, é virtude superior às minhas forças. E, entretanto, V. Excia. obstina-se em achar-lhe razão.
CLARA - Nem sempre.
PEDRO ALVES - Mas vejamos, não é exigência minha, mas eu desejo, imploro uma decisão definitiva da minha sorte. Quando se ama como eu amo, todo o paliativo é uma tortura que se não pode sofrer!
CLARA - Com que fogo se exprime! Que ardor, que entusiasmo!
PEDRO ALVES - É sempre assim. Zombeteira!
CLARA - Mas o que quer então?
PEDRO ALVES - Franqueza.
CLARA - Mesmo contra os seus interesses?
PEDRO ALVES - Mesmo... contra tudo.
CLARA - Reflita: prefere à dubiedade da situação, uma declaração franca que lhe vá destruir as suas mais queridas ilusões?
PEDRO ALVES - Prefiro isso a não saber se sou amado ou não.
CLARA - Admiro a sua força d'alma.
PEDRO ALVES - Eu sou o primeiro a admirar-me.
CLARA - Desesperou alguma vez da sorte?
PEDRO ALVES - Nunca.
CLARA - Pois continue a confiar nela.
PEDRO ALVES - Até quando?
CLARA - Até um dia.
PEDRO ALVES - Que nunca há de chegar.
CLARA - Que está... muito breve.
PEDRO ALVES - Oh! meu Deus!
CLARA - Admirou-se?
PEDRO ALVES - Assusto-me com a idéia da felicidade. Deixe-me beijar a sua mão?
CLARA - A minha mão vale bem dois meses de espera e receio; não vale?
PEDRO ALVES *(enfiando)* - Vale.
CLARA *(sem reparar)* - Pode beijá-la! É o penhor dos esponsais.
PEDRO ALVES *(consigo)* - Fui longe demais! *(Alto, beijando a mão de Clara).* Este é o mais belo dia de minha vida!

CENA VII

Clara, Pedro Alves, Luiz

LUIZ *(entrando)* - Ah!...
PEDRO ALVES - Chegou a propósito.
CLARA - Dou-lhe parte do meu casamento com o Sr. Pedro Alves.
PEDRO ALVES - O mais breve possível.
LUIZ - Os meus parabéns a ambos.
CLARA - A resolução foi um pouco súbita, mas nem por isso deixa de ser refletida.
LUIZ - Súbita, de certo, porque eu não contava com uma semelhante declaração neste momento. Quando são os desposórios?
CLARA - Pelos fins do verão, não, meu amigo?
PEDRO ALVES *(com importância)* - Sim, pelos fins do verão.
CLARA - Faz-nos a honra de ser uma das testemunhas?
PEDRO ALVES - Oh! isso é demais.
LUIZ - Desculpe-me, mas eu não posso. Vou fazer uma viagem.
CLARA - Até onde?
LUIZ - Pretendo abjurar em qualquer cidade mourisca e fazer depois a peregrinação da Meca. Preenchido este dever de um bom maometano, irei entre as tribos do deserto procurar a exceção que não encontrei ainda no nosso clima cristão.
CLARA - Tão longe, meu Deus! Parece-me que trabalhará debalde.
LUIZ - Vou tentar.
PEDRO ALVES - Mas tenta um sacrifício.
LUIZ - Não faz mal.
PEDRO ALVES (a *Clara, baixo)* - Está doido!
CLARA - Mas virá despedir-se de nós?
LUIZ - Sem dúvida. *(Baixo a Pedro Alves)* Curvo-me ao vencedor, mas consola-me a idéia de que, contra as suas previsões, paga as despesas da guerra. *(Alto) V.* Excia. dá-me licença.
CLARA - Onde vai?
LUIZ - Retiro-me para casa.
CLARA - Não fica para jantar?
LUIZ - Vou aprontar a minha bagagem.
CLARA - Leva a lembrança dos amigos no fundo das malas, não?
LUIZ - Sim, minha senhora, ao lado de alguns volumes de Alfonse Karr.

SEGUNDA PARTE

NA CORTE

Uma sala em casa de Pedro Alves

CENA I

Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Ora, não convém por modo algum que a mulher de um deputado ministerialista vá à partida de um membro da oposição. Em rigor, nada há de admirar nisso. Mas o que não dirá a imprensa governista! O que não dirão os meus colegas da maioria! Está lendo?
CLARA - Estou folheando este álbum.
PEDRO ALVES - Nesse caso, repito-lhe que não convém...
CLARA - Não precisa, ouvi tudo.
PEDRO ALVES *(levantando-se)* - Pois aí está; fique com a minha opinião.
CLARA - Prefiro a minha.
PEDRO ALVES - Prefere...
CLARA - Prefiro ir à partida do membro da oposição.
PEDRO ALVES - Isso não é possível. Oponho-me com todas as forças.
CLARA - Ora, veja o que é o hábito do parlamento! Opõe-se a mim, como se eu fosse um adversário político. Veja que não está na câmara, e que eu sou mulher.
PEDRO ALVES - Mesmo por isso. Deve compreender os meus interesses e não querer que seja alvo dos tiros dos maldizentes. Já não lhe falo nos direitos que me estão confiados como marido...
CLARA - Se é tão aborrecido na câmara como é cá em casa, tenho pena do ministério e da maioria.
PEDRO ALVES - Clara!
CLARA - De que direitos me fala? Concedo-lhe todos quantos queira, menos o de me aborrecer; e privar-me de ir a esta partida, é aborrecer-me.
PEDRO ALVES - Falemos como amigos. Dizendo que desistas do teu intento, tenho dois motivos: um político e outro conjugal. Já te falei do primeiro.

CLARA - Vamos ao segundo.
PEDRO ALVES - O segundo é este. As nossas primeiras vinte e quatro horas de casamento, passaram para mim rápidas como um relâmpago. Sabes por que? Por que a nossa lua de mel não durou mais do que esse espaço. Supus que, unindo-te a mim, deixasses um pouco a vida dos passeios, dos teatros, dos bailes. Enganei-me; nada em teus hábitos; eu posso dizer não me casei para mim. Fui forçado a acompanhar-te por toda a parte, ainda que isso me custasse grande aborrecimento.
CLARA - E depois?
PEDRO ALVES - Depois, é que esperando ver-te cansada dessa vida, reparo com pesar que continuas na mesma e muito longe ainda de a deixar.
CLARA - Conclusão: devo romper com a sociedade e voltar a alongar as suas vinte quatro horas de lua de mel, vivendo beatificamente ao lado um do outro, debaixo do teto conjugal...
PEDRO ALVES - Como dois pombos.
CLARA - Como dois pombos ridículos! Gosto de ouvi-lo com essas recriminações. Quem o atender, supõe que se casou comigo pelos impulsos do coração. A verdade é que me esposou por vaidade, e que quer continuar essa lua de mel, não por amor, mas pelo susto natural de um proprietário que receia perder um cabedal precioso.
PEDRO ALVES - Oh!
CLARA - Não serei um cabedal precioso?
PEDRO ALVES - Não digo isso. Protesto, sim, contra as tuas conclusões.
CLARA - O protesto é outro hábito do parlamento! Exemplo às mulheres futuras do quanto, no mesmo homem, fica o marido suplantado pelo deputado.
PEDRO ALVES - Está bom, Clara, concedo-te tudo.
CLARA *(levantando-se) - Ah!* vou fazer cantar o triunfo!
PEDRO ALVES - Continua a divertir-te como for de teu gosto.
CLARA - Obrigada!
PEDRO ALVES - Não se dirá que te contrariei nunca.
CLARA - A história há de fazer-te justiça.
PEDRO ALVES - Acabemos com isto. Estas pequenas rixas azedam-me o espírito, e não lucramos nada com elas.
CLARA - Acho que sim. Deixe de ser ridículo, que eu continuarei nas mais benévolas disposições. Para começar, não vou à partida da minha amiga Carlota. Está satisfeito?
PEDRO ALVES - Estou.
CLARA - Bem. Não se esqueça de ir buscar minha filha. É tempo de apresentá-la à sociedade. A pobre Clarinha deve estar bem

desconsolada. Está moça e ainda no colégio. Tem sido um descuido nosso.
PEDRO ALVES - Irei buscá-la amanhã.
CLARA - Pois bem. *(Sai).*

CENA II
Pedro Alves e um criado

PEDRO ALVES - Safa! que maçada!
O CRIADO - Está aí uma pessoa que
quer lhe falar.
PEDRO ALVES - Faze-a entrar.

CENA III
Pedro Alves, Luiz de Mello

PEDRO ALVES - Que vejo!
LUIZ - Luiz de Mello, lembra-se?
PEDRO ALVES - Muito. Venha um abraço! Então como está? Quando chegou?
LUIZ - Pelo último paquete.
PEDRO ALVES - Ah! não li nos jornais.
LUIZ - O meu nome é tão vulgar que facilmente se confunde com os outros.
PEDRO ALVES - Confesso que só agora sei que está no Rio de Janeiro. Sentemo-nos. Então andou muito pela Europa?
LUIZ - Pela Europa quase nada; a maior parte do tempo gastei em atravessar o Oriente.
PEDRO ALVES - Sempre realizou a sua idéia?
LUIZ - É verdade, vi tudo o que a minha fortuna podia oferecer aos meus instintos artísticos.
PEDRO ALVES - Que de impressões havia de ter! muito turco, muito árabe, muita mulher bonita, não? Diga-me uma coisa, há também ciúmes por lá?
LUIZ - Há.
PEDRO ALVES - Contar-me-á a sua viagem por extenso.
LUIZ - Sim, com mais descanso. Está de saúde a Sra. D. Clara Alves?

PEDRO ALVES - De perfeita saúde. Tenho muito que lhe dizer respeito ao que se passou depois que se foi embora.
LUIZ - Ah!
PEDRO ALVES - Passei estes cinco anos no meio da mais completa felicidade. Ninguém melhor saboreou as delícias do casamento. A nossa vida conjugal pode-se dizer que é um céu sem nuvens. Ambos somos felizes, e ambos nos desvelamos por agradar um ao outro.
LUIZ - É uma lua-de-mel sem ocaso.
PEDRO ALVES - E lua cheia.
LUIZ - Tanto melhor! Folgo de vê-los felizes. A felicidade na família é uma cópia, ainda que pálida, da bem-aventurança celeste. Pelo contrário, os tormentos domésticos representam na terra o purgatório.
PEDRO ALVES - Apoiado!
LUIZ - Por isso estimo que acertasse com a primeira.
PEDRO ALVES - Acertei. Ora, do que eu me admiro não é do acerto, mas do modo por que de pronto me habituei à vida conjugal. Parece-me incrível. Quando me lembro da minha vida de solteiro, vida de borboleta, ágil e incapaz de pousar definitivamente sobre uma flor...
LUIZ - A coisa explica-se. Tal seria o modo por que o enredaram e pregaram com o competente alfinete no fundo desse quadro chamado lar doméstico!
PEDRO ALVES - Sim, creio que é isso.
LUIZ - De maneira que hoje é pelo casamento?
PEDRO ALVES - De todo o coração.
LUIZ - Está feito, perdeu-se um folgazão, mas ganhou-se um homem de bem.
PEDRO ALVES - Ande lá. Aposto que também tem vontade de romper a cadeia do passado?
LUIZ - Não será difícil.
PEDRO ALVES - Pois é o que deve fazer.
LUIZ - Veja o que é o egoísmo humano. Como renegou da vida de solteiro, quer que todos professem a religião do matrimônio.
PEDRO ALVES - Escusa moralizar.
LUIZ - É verdade que é uma religião tão doce!
PEDRO ALVES - Ah!... Sabe que estou deputado!
LUIZ - Sei e dou-lhe os meus parabéns.
PEDRO ALVES - Alcancei um diploma na última eleição. Na minha idade ainda é tempo de começar a vida política, e nas circunstâncias eu não tinha outra a seguir mais apropriada. Fugindo às antigas parcialidades políticas, defendo os interesses do distrito que represento, e como o governo mostra zelar esses

interesses, sou pelo governo.
LUIZ - É lógico.
PEDRO ALVES - Graças a esta posição independente, constituí-me um dos chefes da maioria da câmara.
LUIZ - Ah! ah!
PEDRO ALVES - Acha que vou depressa! Os meus talentos políticos dão razão da celeridade da minha carreira. Se eu fosse a nulidade, nem alcançaria um diploma. Não acha!
LUIZ - Tem razão...
PEDRO ALVES - Por que não tenta a política!
LUIZ - Porque a política é uma vocação, e quando não é vocação é uma especulação. Acontece muitas vezes que, depois de ensaiar diversos caminhos para chegar ao futuro, depara-se finalmente com o da política para o qual convergem as aspirações íntimas. Comigo não se dá isso. Quando mesmo o encontrasse juncado de flores, passaria por ele para tomar outro mais modesto. Do contrário, seria fazer política de especulação.
PEDRO ALVES - Pensa bem.
LUIZ - Prefiro a obscuridade ao remorso que me ficaria de representar um papel ridículo.
PEDRO ALVES - Gosto de ouvir falar assim. Pelo menos é franco e vai logo dando o nome às coisas. Ora, depois de uma ausência de cinco anos parece que há vontade de passar algumas horas juntos, não? Fique para jantar conosco.
LUIZ - Fico, mas vou antes deixar um cartão de visita à casa do seu vizinho comendador. Já volto.

CENA IV

Clara, Pedro Alves, Luiz

PEDRO ALVES - Clara, aqui está um velho amigo que não vemos há cinco anos.
CLARA - Ah! o Sr. Luiz de Mello!
LUIZ - Em pessoa, minha senhora.
CLARA - Seja muito bem vindo! Causa-me uma surpresa agradável.
LUIZ - V. Excia. honra-me.
CLARA - Venha sentar-se. O que nos conta?
LUIZ *(conduzindo-a para uma cadeira)* - Para contar tudo fora preciso um tempo interminável.
CLARA - Cinco anos de viagem!

LUIZ - Vi tudo quanto se pode ver nesse prazo. Diante de V. Excia. está um homem que acampou ao pé das pirâmides.
CLARA - Oh!
PEDRO ALVES - Veja isto!
CLARA - Contemplado pelos quarenta séculos!
PEDRO ALVES - E nós que o fazíamos a passear pelas capitães da Europa.
CLARA - É verdade, não suponhamos outra coisa.
LUIZ - Fui comer o pão da vida errante dos meus camaradas árabes. Boa gente! Podem crer que deixei saudades de mim.
CLARA - Admira que entrasse no Rio de Janeiro com esse lúgubre vestuário da nossa prosaica civilização. Devia trazer calça larga, alfange e burnou. Nem ao menos burnou! Aposto que foi Kadi?
LUIZ - Não, minha senhora; só os filhos de Islã têm direito a esse cargo.
CLARA - Está feito. Vejo que sacrificou cinco anos, mas salvou a sua consciência religiosa.
PEDRO ALVES - Teve saudades de cá?
LUIZ - À noite, na hora de repouso, lembrava-me dos amigos que deixara, e desta terra onde vi a luz. Lembrava-me do Club, do Teatro Lírico, de Petrópolis e de todas as nossas distrações. Mas vinha o dia, voltava-me eu à vida ativa, e tudo desvanecia-se como um sonho amaro.
PEDRO ALVES - Bem lhe disse eu que não fosse.
LUIZ - Por que? Foi a idéia mais feliz da minha vida.
CLARA - Faz-me lembrar o justo de que fala o poeta de Algiato, que entre rodas de navalhas diz estar em um leito de rosas.
LUIZ - São versos lindíssimos, mas sem aplicação ao caso atual. A minha viagem foi uma viagem de artista e não de peralvilho; observei com os olhos do espírito e da inteligência. Tanto basta para que fosse uma excursão de rosas.
CLARA - Vale então a pena perder cinco anos?
LUIZ - Vale.
PEDRO ALVES - Se não fosse o meu distrito sempre quisera ir ver essas coisas de perto.
CLARA - Mas que sacrifício! Como é possível trocar os conchegos do repouso e da quietação pelas aventuras de tão penosa viagem?
LUIZ - Se as coisas boas não se alcançassem à custa de um sacrifício, onde estaria o valor delas? O fruto maduro ao alcance da mão do bem-aventurado a quem as embalam, só existe no paraíso de Maomé.
CLARA - Vê-se que chega de tratar com árabes?

LUIZ - Pela comparação? Dou-lhe outra mais ortodoxa: o fruto provado por Eva custou-lhe o sacrifício do paraíso terrestre.
CLARA - Enfim, ajunte exemplo sobre exemplo, citação sobre citação, e ainda assim não me fará sair dos meus cômodos.
LUIZ - O primeiro passo é difícil. Dado ele, apodera-se da gente um furor de viajar, que eu chamarei febre de locomoção.
CLARA - Que se apaga pela saciedade?
LUIZ - Pelo cansaço. E foi o que me aconteceu: parei de cansado. Volto a repousar com as recordações colhidas no espaço de cinco anos.
CLARA - Tanto melhor para nós.
LUIZ - V. Excia. honra-me.
CLARA - Já não há medo de que o pássaro abra de novo as asas.
PEDRO ALVES - Quem sabe?
LUIZ - Tem razão; dou por findo o meu capítulo de viagem.
PEDRO ALVES - O pior é não querer abrir agora o da política. A propósito: são horas de ir para a câmara; há hoje uma votação a que não posso faltar.
LUIZ - Eu vou fazer uma visita na vizinhança.
PEDRO ALVES - À casa do comendador, não é? Clara, o Sr. Luiz de Mello faz-nos a honra de jantar conosco.
CLARA - Ah! quer ser completamente amável.
LUIZ - V. Excia. honra-me sobre maneira... *(a Clara)* Minha senhora! *(a Pedro Alves)* Até logo, meu amigo!

CENA V

Clara, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Ouviu como está contente? Reconheço que não há nada para curar uma paixão do que seja uma viagem.
CLARA - Ainda se lembra disso?
PEDRO ALVES - Se me lembro!
CLARA - E teria ele paixão?
PEDRO ALVES - Teve. Posso afiançar que a participação do nosso casamento causou-lhe a maior dor deste mundo.
CLARA - Acha?
PEDRO ALVES - É que o gracejo era pesado demais.
CLARA - Se assim é, mostrou-se generoso, porque mal chegou, já nos vem visitar.
PEDRO ALVES - Também é verdade. Fico conhecendo que as viagens são um excelente remédio para curar paixões.

CLARA - Tenha cuidado.
PEDRO ALVES - Em quê?
CLARA - Em não soltar alguma palavra a esse respeito.
PEDRO ALVES - Descanse, porque eu, além de compreender as conveniências, simpatizo com este moço e agradam-me as suas maneiras. Creio que não há crime nisto, pelo que se passou há cinco anos.
CLARA - Ora, crime!
PEDRO ALVES - Demais, ele mostrou-se hoje tão contente com o nosso casamento, que parece completamente estranho a ele.
CLARA - Pois não vê que é um cavalheiro perfeito? Obrar de outro modo seria cobrir-se de ridículo.
PEDRO ALVES - Bem, são onze horas, vou para a câmara.
CLARA *(da porta)* - Volta cedo?
PEDRO ALVES - Mal acabar a sessão. O meu chapéu? Ah! *(vai buscá-lo a uma mesa. Clara sai).* Vamos lá com esta famosa votação.

CENA VI
Luiz, Pedro Alves

PEDRO ALVES - Oh!
LUIZ - O comendador não estava em casa, lá deixei o meu cartão de visita. Aonde vai?
PEDRO ALVES - À câmara.
LUIZ - Ah!
PEDRO ALVES - Venha comigo.
LUIZ - Não se pode demorar alguns minutos?
PEDRO ALVES - Posso.
LUIZ - Pois conversemos.
PEDRO ALVES - Dou-lhe meia hora.
LUIZ - Demais o seu boleeiro dorme tão a sono solto que é uma pena acordá-lo.
PEDRO ALVES - O tratante não faz outra coisa.
LUIZ - O que lhe vou comunicar é grave e importante.
PEDRO ALVES - Não me assuste.
LUIZ - Não há de quê. Ouça, porém. Chegado há três dias, tive eu tempo de ir ontem mesmo a um baile. Estava com sede de voltar à vida ativa em que me eduquei, e não perdi a oportunidade.
PEDRO ALVES - Compreendo a sofreguidão.

LUIZ - O baile foi na casa do colégio da sua enteada.
PEDRO ALVES - Minha mulher não foi por causa de um leve incômodo. Dizem que esteve uma bonita função.
LUIZ - É verdade.
PEDRO ALVES - Não achou a Clarinha uma bonita moça?
LUIZ - Se a achei bonita? Tanto que venho pedi-la em casamento.
PEDRO ALVES - Oh!
LUIZ - De que se admira? Acha extraordinário?
PEDRO ALVES - Não, pelo contrário, acho natural.
LUIZ - Faço-lhe o pedido com franqueza; peço-lhe que responda com igual franqueza.
PEDRO ALVES - Oh! da minha parte a resposta é toda afirmativa.
LUIZ - Posso contar com igual resposta da outra parte?
PEDRO ALVES - Se houver dúvida, aqui estou eu para pleitear a sua causa.
LUIZ - Tanto melhor.
PEDRO ALVES - Tencionávamos trazê-la amanhã para casa.
LUIZ - Graças a Deus! Cheguei a tempo.
PEDRO ALVES - Com franqueza, causa-me com isso um grande prazer.
LUIZ - Sim?
PEDRO ALVES - Confirmaremos pelos laços de parentesco os vínculos da simpatia.
LUIZ - Obrigado. O casamento é contagioso, e a felicidade alheia é um estímulo. Quando ontem saí do baile trouxe o coração aceso, mas nada tinha ainda assentado de definitivo. Porém tanto lhe ouvi falar de sua felicidade que não pude deixar de pedir-lhe me auxilie no intento de ser também feliz.
PEDRO ALVES - Bem lhe dizia eu há pouco que havia de me acompanhar os passos.
LUIZ - Achei essa moça, que apenas sai da infância, tão simples e tão cândida, que não pude deixar de olhá-la com o gênio benfazejo da minha sorte futura. Não sei se ao meu pedido corresponderá a vontade dela, mas resigno-me às conseqüências.
PEDRO ALVES - Tudo será feito a seu favor.
LUIZ - Eu mesmo irei pedi-la à Sra. Clara. Se por ventura encontrar oposição, peço-lhe então que interceda por mim.
PEDRO ALVES - Fica entendido.
LUIZ - Hoje, que volto ao repouso, creio que me fará bem a vida pacífica, no meio dos afagos de uma esposa terna e bonita. Para que o pássaro não torne a abrir as asas, é preciso dar-lhe gaiola

e uma linda gaiola.
PEDRO ALVES - Bem; eu vou para a câmara, e volto apenas acabada a votação. Fique aqui e exponha a sua causa à minha mulher que o ouvirá com benevolência.
LUIZ - Dá-me esperanças?
PEDRO ALVES - Todas. Seja firme e instante.

CENA VII
Clara, Luiz

LUIZ - Parece-me que vou entrar em uma batalha.
CLARA - Ah! não esperava encontrá-lo.
LUIZ - Estive com o Sr. Pedro Alves. Neste momento foi ele para a câmara. Ouça: lá partiu o carro.
CLARA - Conversaram muito?
LUIZ - Alguma coisa, minha senhora.
CLARA - Como bons amigos?
LUIZ - Como excelentes amigos.
CLARA - Contou-lhe a sua viagem?
LUIZ - Já tive a honra de dizer a Vossa Excia. que a minha viagem pede muito tempo para ser narrada.
CLARA - Escreva-a então. Há muito episódio?
LUIZ - Episódios de viagem, tão somente, mas que trazem sempre a sua novidade.
CLARA - O seu escrito brilhará pela imaginação, pelos belos achados da sua fantasia.
LUIZ - É o meu pecado original.
CLARA - Pecado?
LUIZ - A imaginação.
CLARA - Não vejo pecado nisso.
LUIZ - A fantasia é um vidro de cor, um óculo brilhante, porém, mentiroso...
CLARA - Não me lembra de lhe ter dito isso.
LUIZ - Também eu não digo que Vossa Excia. mo tenha dito.
CLARA - Faz mal em vir do deserto, só para recordar algumas palavras que me escaparam há cinco anos.
LUIZ - Repeti-as como de autoridade. Não eram a sua opinião?
CLARA - Se quer que lhe minta, respondo afirmativamente.
LUIZ - Então deveras vale alguma coisa elevar-se acima dos espíritos vulgares, e ver a realidade das coisas pela porta da imaginação?

CLARA - Se vale! A vida fora bem prosaica se lhe não emprestássemos cores nossas e não a vestíssemos à nossa maneira.
LUIZ - Perdão, mas...
CLARA - Pode averbar-me de suspeita, está no seu direito. Nós outras, as mulheres, somos as filhas da fantasia; é preciso levar em conta que eu falo em defesa da mãe comum.
LUIZ - Está-me fazendo crer em milagres.
CLARA - Onde vê o milagre?
LUIZ - Na conversão de V. Excia.
CLARA - Não crê que eu esteja falando a verdade?
LUIZ - Creio que é tão verdadeira hoje, como foi há cinco anos, e é nisso que está o milagre da conversão.
CLARA - Pois será conversão. Não tem mais que bater palmas pela ovelha rebelde que volta ao aprisco. Os homens tomaram tudo e mal deixaram às mulheres as regiões do ideal. As mulheres ganharam. Para a maior parte o ideal da felicidade é a vida plácida, no meio das flores, ao pé de um coração que palpita. Elas sonham com o perfume das flores, com as escumas do mar, com os raios da lua e todo o material da poesia moderna. São almas delicadas, mal compreendidas e muito caluniadas.
LUIZ - Não defenda com tanto ardor o seu sexo, minha senhora. É de uma alma generosa, mas não de um gênio observador.
CLARA - Anda assim mal com ele?
LUIZ - Mal por que?
CLARA - Eu sei!
LUIZ - Aprendi a respeitá-lo, e quando assim não fosse, sei perdoar.
CLARA - Perdoar, como os reis, as ofensas por outrem recebidas.
LUIZ - Não, perdoar as próprias.
CLARA - Ah! foi vítima! Tinha vontade de conhecer o seu algoz. Como se chama?
LUIZ - Não costumo a conservar tais nomes.
CLARA - Reparo uma coisa.
LUIZ - O que é?
CLARA - É que em vez de voltar mouro, voltou profundamente cristão.
LUIZ - Voltei como fui: fui homem e voltei homem.
CLARA - Chama ser homem o ser cruel?
LUIZ - Cruel em quê?
CLARA - Cruel, cruel como todos são! A generosidade humana não para no perdão das culpas, vai até o conforto do culpado. Nesta parte não vejo os homens de acordo com o evangelho.

LUIZ - É que os homens, que inventaram a expiação legal, consagram também uma expiação moral. Quando esta não se dá, o perdão não é um dever, porém, uma esmola que se faz à consciência culpada, e tanto basta para o desempenho da caridade cristã.
CLARA - O que é essa expiação moral?
LUIZ - É o remorso.
CLARA - Conhece tabeliães que passam certificados de remorso? É uma expiação que pode não ser acreditada e existir entretanto.
LUIZ - É verdade. Mas para os casos morais há provas morais.
CLARA - Adquiriu essa rigidez no trato com os árabes?
LUIZ - Valia a pena ir tão longe para adquiri-la, não acha?
CLARA - Valia.
LUIZ - Posso elevar-me assim até ser um espírito sólido.
CLARA - Espírito sólido? Não há dessa gente por onde andou?
LUIZ - No Oriente tudo é poeta, e os poetas dispensam bem a glória de espíritos sólidos.
CLARA - Predomina lá a imaginação, não é?
LUIZ - Com toda a força do verbo.
CLARA - Faz-me crer que encontrou a suspirada exceção que... lembra-se?
LUIZ - Encontrei, mas deixei-a passar.
CLARA - Oh!
LUIZ - Escrúpulo religioso, orgulho nacional, que sei eu?
CLARA - Cinco anos perdidos!
LUIZ - Cinco anos ganhos. Gastei-os a passear, enquanto a minha violeta se educava cá num jardim.
CLARA - Ah!... viva então o nosso clima!
LUIZ - Depois de longos dias de solidão, há necessidade de quem nos venha fazer companhia, compartir as nossas alegrias e mágoas, e arrancar o primeiro cabelo que nos alvejar.
CLARA - Há.
LUIZ - Não acha?
CLARA - Mas quando, pensando encontrar a companhia desejada, encontra-se o aborrecimento e a insipidez encarnadas no objeto da nossa escolha?
LUIZ - Nem sempre é assim.
CLARA - As mais das vezes é. Tenha cuidado.
LUIZ - Oh! por esse lado, estou livre de errar.
CLARA - Mas onde está essa flor?
LUIZ - Quer saber?
CLARA - Quero, e também o seu nome.
LUIZ - O seu nome é lindíssimo. Chama-se Clara.

CLARA - Obrigada! E eu conheço-a?
LUIZ - Tanto como a si própria.
CLARA - Sou sua amiga?
LUIZ - Tanto como o é de si.
CLARA - Não sei quem seja.
LUIZ - Deixemos os terrenos das alusões vagas; é melhor falar francamente. Venho pedir-lhe a mão de sua filha.
CLARA - De Clara!
LUIZ - Sim, minha senhora. Vi-a há dois dias; está bela como a adolescência em que entrou. Revela uma expressão de candura tão angélica que não pode deixar de agradar a um homem de imaginação, como eu. Tem além disso uma vantagem: não entrou ainda no mundo, está pura de todo contato social; para ela os homens estão na mesma plana e o seu espírito ainda não pode fazer distinção entre o espírito sólido e o homem do ideal. É-lhe fácil aceitar um ou outro.
CLARA - Com efeito, é uma surpresa com que eu menos contava.
LUIZ - Posso considerar-me feliz?
CLARA - Eu sei! Por mim decido, mas eu não sou a cabeça do casal.
LUIZ - Pedro Alves já me deu seu consentimento.
CLARA - Ah!
LUIZ - Versou sobre isso a nossa conversa.
CLARA - Nunca pensei que chegássemos a esta situação.
LUIZ - Falo como um parente. Se V. Excia. não teve bastante espírito para ser minha esposa, deve tê-lo, pelo menos, para ser minha sogra.
CLARA - Ah!
LUIZ - Que quer? todos temos um dia de desencantos. O meu foi há cinco anos, hoje o desencantado não sou eu.

CENA VIII
Luiz, Pedro Alves, Clara

PEDRO ALVES - Não houve sessão; a minoria fez gazeta. *(A Luiz)* Então?
LUIZ - Tenho o consentimento de ambos.
PEDRO ALVES - Clara não podia deixar de atender ao seu pedido.
CLARA - Peço-lhe que faça a felicidade dela.

LUIZ - Consagrarei nisso minha vida.
PEDRO ALVES - Por mim, hei de sempre ver se posso resolvê-lo a aceitar um distrito nas próximas eleições.
LUIZ - Não será melhor ver primeiro se o distrito me aceitará?

CAI O PANO

Sobre o autor e sua obra

JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS nasceu no Rio de Janeiro, a 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em 29 de setembro de 1908. Filho de mulato, brasileiro, e de branca, portuguesa; era gago, epiléptico, pobre, é por causa disto não pôde estudar em escolas e tornou-se um grande autodidata.

Colaborou na revista "Marmota Fluminense", foi aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu seu protetor, Manuel Antonio de Almeida; foi revisor de provas na Editora Paula Brito e no "Correio Mercantil" e colaborador em vários jornais e revistas da época.

Na imprensa publicou vários contos, crônicas, folhetins, artigos de crítica, muitos dos quais assinados com pseudônimos: Platão, Gil, Lara, Dr. Semana, Job, M.A., Max Manassés e outros.

Casou-se em 1869 com D. Carolina Novais, que veio dar mais inspiração à sua vida literária. Em 1904, quando D. Carolina morreu, ainda inspirou o mais belo soneto de sua producão: "A Carolina", publicado no livro "Relíquias de Casa Velha":

"Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração de companheiro.
"Pulsa-lhe- aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs o mundo inteiro.
"Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.
"Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vívidos".

Foi o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, em 1897.

Poesias: "Crisálidas", (1864); "Falenas", "Americanas".

Romances: "Ressurreição", "A Mão e a Luva", "Helena", "Iaiá Garcia".

Contos: "Contos Fluminenses", "Histórias da Meia Noite", (1869).

Teatro: "Desencantos", "0 Caminho da Porta", "0 Protocolo", "Quase Ministro", "Os Deuses de Casaca". Crônicas e Críticas. Fase Realista (de 1881 a 1908)

Poesias: "Ocidentais".

Romances: "Memórias Póstumas de Brás Cubas", "Quincas Borba", "Dom Casmurro", "Esaú e Jacó", "Memorial de Aires". Contos: "Papéis Avulsos", "Histórias sem Data", "Várias Histórias", "Páginas Recolhidas", "Relíquias de Casa Velha".

Teatro: "Tu, só Tu, Puro Amor" "Não Consultes Médico", "Lição de Botânica", crônicas e críticas.

Machado de Assis é de estilo clássico e sóbrio, com frases curtas e bem construídas, vocabulário muito rico e construções sintáticas perfeitas. Sua obra é de análise de caracteres e seus tipos são inesquecíveis e verdadeiros. Em toda sua obra há uma preocupação pelo adultério, tentado ou consumado, e muito de filosofia: a filosofia do humanitismo, que é explicada no seu romance "Quincas Borba". Sua técnica de composição no romance é muito importante para a compreensão da obra: não há homogeneidade na extensão dos capítulos: ora curtos, ora longos, não existe normalmente a seqüência linear, isto é, muitas vezes um capítulo não tem um final de ação, que irá continuar não no imediatamente seguinte, mas em outro um pouco distante. Esta técnica procura prender a atenção do leitor até o fim do livro, o que realmente consegue.

Sem dúvida, trata-se do mais alto escritor brasileiro de todos os tempos, o primeiro escritor universal de nossa Literatura. De uns tempos para cá, sua obra vem sendo objeto de estudos em profundidade, sob ângulos vários, constituindo-se no maior acervo bio-bibliográfico que jamais suscitou um escritor nacional. Sobretudo, cumpre destacar-se, como a mais importante de sua obra, a parte de ficção - seus contos, verdadeiras obras-primas - e os romances a partir da fase que se Iniciou com as "Memórias Póstumas de Brás Cubas".

Machado de Assis não se filia a qualquer coisa, dando apenas vazão ao seu próprio sentimento de homem introspectivo. É possuidor de um estilo simples, sem nenhum artificialismo. A concisão é uma de suas mais eloqüentes características. Cuidou, em suas obras, mais do

homem do que da paisagem. Não foi grande poeta. Inicialmente passou pelo romantismo e depois mostrou-se parnasiano. Para Machado de Assis o homem é egoísta, impassível diante da felicidade ou infelicidade do seu semelhante. 0 sofrimento é inerente à própria condição humana. 0 homem sonha com a felicidade, sem suspeitar que tudo é Ilusão. Machado aconselha então a solidão, o Isolamento, por não crer no solidarismo humano.

No teatro Machado de Assis se revela como tradutor, critico e comediógrafo. Como critico procurava exaltar os valores morais. Para ele, "a arte pode aberrar das condições atuais da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. 0 teatro é para o povo o que o Coro era para o antigo povo grego: uma iniciativa de moral e civilização."

E ainda foi além. Ressuscitando uma antiqualha dos Séculos XVII; inovou o soneto, dando-lhe a forma contínua do (Círculo Vicioso). Outra inovação: a alternância do octossílabo com o tetrassílabo, de que se utilizou nos versos a Artur de Oliveira. Combinado o octossílabo com o doclecassílabo, criou ainda o ritmo dos agrupamentos da Mosca Azul. E deu em 1885 uma incomparável lição de poesia quando, na ocasião comemorativa do centenário do Marquês de Pombal, publicou, sob o título de A Suprema Injúria, uma série de quatorze sonetos, onde não há dois iguais na sua forma.

Machado de Assis foi ainda um técnico do verso, o admirável tradutor de a primeira fase machadiana. 0 terceiro romance, Helena, jovem confrade, e escreve poesia, a quem devemos pelo o que seria diferente da já representa uma evolução. Vai eclodir com as Memórias Póstumas de Brás Cubas.

No romance como na poesia, Machado de Assis ressente-se de influencia romântica nas primeiras obras: Ressurreição (1872), A Mão e a Luva (1875), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878). É toda romântica a concepção dos personagens e do entrecho; revela-se a personalidade do autor na preocupação mais acentuada do estudo dos caracteres. Mas as situações que arma, para os revelar, e a própria compreensão que deles tem, tudo trai a visão romântica, ainda que mitigada pela analise psicológica.

De Ressurreição, em que a narração e linear, a língua pobre, os caracteres de linhas definidas, a Iaiá Garcia, onde a narrativa é dotada de maior penetração, a língua se precisa e os caracteres já se mostram mais complexos, o progresso é significativo. 0 mais romanesco dos três é Helena, a confinar por vezes com a inverossimilhança.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

Brás Cubas, já falecido, conta, do outro mundo, as suas memórias: "Expirei em 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos". Galhofando dos ascendentes, fala da própria genealogia. Assevera que morreu de pneumonia apanhada quando trabalhava num invento farmacêutico, um emplastro medicamentoso.

Virgília, sua ex-amante, que já não via há alguns anos, visitou-o nos últimos dias de vida. Narra Brás Cubas um delírio que teve durante a agonia: montado num hipopótomo foi arrebatado por unia extensa e gelada planície, até o alto de uma montanha, de onde divisa a sucessão dos séculos. Além dos pais, tiveram grande influência na educação do pequeno Brás Cubas três pessoas: tio João, homem de língua solta e vida galante; tio Ildefonso, cônego, piedoso e severo; Dona Emerenciana, tia materna, que viveu pouco tempo. Brás passou uma infância de menino traquinas, mimado demasiadamente pelo pai.

Aos dezessete anos apaixona-se por Marcela, dama espanhola, com quem teve as primeiras experiências amorosas. Para agradar Marcela, Brás começa a gastar demais, assumindo compromissos graves e endividando-se. Marcela gostava de jóias e Brás procurava fazer-lhe todos os gostos. "Marcela amou-me, diz Brás Cubas, durante quinze meses e onze contos de réis". Quando o pai tomou conhecimento dos esbanjamentos do filho, mandou-o para a Europa: "vais cursar uma Universidade", justificou. Em Coimbra, Brás segue o curso jurídico e bacharela-se. Depois, atendendo a um chamado do pai, volta ao Rio: a mãe estava moribunda. E, de fato, apenas chega ao Brasil, a mãe falece. Passando uns dias na Tijuca, conhece Eugênia, moça bonita, mas com um defeito na perna que a fazia coxear um pouco, com ela mantém um passageiro romance.

O pai de Brás tem duas, ambições para o filho: quer casá-lo e faze-lo deputado. Tudo faz para encaminhá-lo no rumo do casamento e procura aumentar o circulo de amigos influentes na política, a fim de preparar o caminho para o futuro deputado. Assim é que Brás Cubas é apresentado ao Conselheiro Dutra que promete ajudar ao jovem bacharel na pretendida ascensão política.

Brás nesta altura vem a conhecer Virgília, filha do Conselheiro Dutra, pela qual se apaixona. Parecia, com isso, que os sonhos do pai sobre Brás estavam prestes a realizar-se: bem encaminhado na política e quase noivo. Entretanto aconteceu um imprevisto: surge Lobo Neves que não somente lhe rouba a namorada, mas também cai nas boas graças do Conselheiro Dutra.

Vendo assim preterido o filho, o pai de Brás sente-se profundamente desapontado e magoado. Veio a falecer dali a alguns meses, de um desastre. Virgília casa-se com Lobo Neves e, pouco tempo depois, vê eleito Deputado o marido. Mas, na verdade, Virgília casara-se com Lobo Neves por interesse, e ama realmente a Brás Cubas. Virgília e Brás principiam a encontrar-se com freqüência e, em breve, tornam-se amantes. Lobo Neves adorava a esposa e nela confiava inteiramente. Aliás não tinha muito tempo para observar o que se passava, já que estava entregue totalmente à política.

Narra nesta altura Brás Cubas o encontro que teve com seu ex-colega de escola primária, Quincas Borba, que se tornara um infeliz mendigo de rua. Depois do encontro com Quincas, Brás percebe que o maltrapilho lhe roubara o relógio. Os encontros amorosos entre Virgília e Brás suscitam comentários e mexericos dos vizinhos, amigos e conhecidos. Por esse motivo, Brás propõe a Virgília a fuga para um lugar distante. Virgília, porém, pensa no marido que a ama e na família, e sugere "uma casinha só nossa", metida num jardim, em alguma rua escondida. A idéia parece boa a Brás, que sai remoendo a proposta: "uma casinha solitária, em alguma rua escura". Virgília e sua ex-empregada, chamada Dona Plácida, se encarregam de adornar a casa e, aparentemente, quem ali reside é Dona Plácida. Ali os dois amantes se encontram sem maiores embaraços, e sem despertarem suspeitas. Sucedeu que, de certa feita, por motivos políticos, Lobo Neves foi designado como presidente de uma província e, dessa forma, teria de afastar-se com a mulher. Brás fica desesperado e pede a Virgília que não o abandone.

Quando tudo parece sem solução, eis que surge Lobo Neves e, para agradar ao amigo da família, convida-o para acompanhá-lo como secretário. Brás aceita. Os mexericos se tornam mais intensos e Cotrim casado com Sabina, procura fazer ver ao cunhado que a viagem seria uma aventura perigosa. Mais por superstição do que pelos conselhos de Cotrim, Lobo Neves acaba não aceitando mais o cargo de presidente, porque o decreto de nomeação saíra publicado no Diário oficial num dia 13: Lobo Neves tinha pavor pelo número, um número fatídico. Lobo Neves recebe uma carta anônima denunciando os amores da esposa com o amigo. Isso faz com que os dois amantes se mostrem mais reservados, embora continuem encontrando-se na Gamboa (onde fica a casa de Dona Plácida).

Surge então um acontecimento que vem alterar a situação os personagens: Lobo neves é novamente nomeado presidente e, desta vez, parte para o interior do país levando consigo a esposa. Brás procura distrair-se e esquecer a separação.

A irmã Sabina, que vinha procurando "arranjar" um casamento para Brás, volta a insistir em seu objetivo. A candidata, uma moça

prendada, chamava-se Nhá-loló. Mesmo sem entusiasmo, Brás aparenta interesse pela pretendente, mas Nhá-loló vem a falecer durante urna epidemia. o tempo vai passando.

Mais por distração do que por idealismo, Brás procura um derivativo de suas decepções amorosas na política. Faz-se deputado e, na assembléia, vem a encontrar-se com Lobo Neves que havia voltado da província. Encontra-se também com Virgília, que não tinha já aquela beleza antiga que o havia atraído anteriormente. Assim, por desinteresse reciproco, chegam ao fim os amores de Brás e Virgília. Quincas Borba, o mendigo, reaparece e lhe restitui o relógio, passando a ser um freqüentador da casa de Brás.

Quincas Borba estava mudado: não era mais mendigo, recebera uma herança de um tio em Barbacena. Virara filósofo: havia inventado urna nova teoria filosófico-religiosa, o Humanitismo, e não falava noutra coisa. 0 próprio Brás Cubas passa a interessar-se muito pelas teorias de Quincas Borba. Morre, por esse tempo, o Lobo Neves, e Virgilia "chorou com sinceridade o marido, como o havia traído com sinceridade". Também vem a falecer Quincas, Borba, que havia enlouquecido completamente. Brás Cubas deixou este mundo pouco depois de Quincas Borba, por causa de urna moléstia que apanhara quando tratava de um invento seu, denominado " emplasto Brás Cubas".

E o livro conclui:

"*Imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria*".

Fato narrativo em primeira pessoa; posição trans-temporal, a narrativa acompanha os vaivéns da memória do narrador defunto.

Quebra da unidade estrutural da narrativa: - forma livre, estrutura fragmentada, ausência de um fio lógico e ausência de um conflito central.

Drama da irremediável tolice humana. Brás Cubas tudo tentou e nada deixou. A vida moral e afetiva é superada pela biologicamente satisfeita. Acomodação cínica ao erro, ou melhor, a justificação moral interior racionalizada. Pessimismo (influência de Sterne, Schopenhauer, Darwin e Voltaire).

Segundo o Professor Alfredo Bosi :

"Memórias Póstumas de Brás Cubas" opera um salto qualitativo na Literatura Brasileira. "A revolução dessa obra, que parece cavar um poço entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo o cerne do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, Machado deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. 0 que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas.

Quincas Borba

Quincas Borba é um filósofo-doido. Mais na segunda que na primeira parte. Criou uma filosofia: Humanitas. "Humanitas" é o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... Pois essa substância, esse principio indestrutível é que é Humanitas... " Uma guerra: duas tribos que se encontram, frente a frente, perto de uma plantação de batatas que só darão para sustentar uma delas. É a luta pelas batatas. Pela sobrevivência. A tribo que vence, ganha as batatas. "Ao vencedor, as batatas". Filosofia e sandice condimentam as lições de Quincas Borba.

0 filósofo tinha um cão: Quincas Borba. Pusera nele o seu próprio nome. Afinal Humanitas era comum para ele e para o cão. E não só: se morresse antes sobreviveria o oâo. Um cão, meio tamanho, cor de chumbo, malhado de preto. Um filósofo assim tinha que acabar em... Barbacena. AI conheceu a Piedade, viúva de parcos meios, Era irmã de Rubião. Não se casou com o herdeiro. Rubião foi o melhor amigo e enfermeiro do filósofo.

Quando Quincas Borba morreu, numa incurável semidemência, na casa de Brás Cubas, no Rio, Rubião ficou rico, herdeiro universal do falecido filósofo. Herdeiro de tudo. Depois em breve pendência recebeu: casa na Corte, uma em Barcelona, escravos, ações no Banco do Brasil e muitas outras, jóias, dinheiro, livros, a filosofia do morto e o seu cão Quincas Borba. A cláusula única do testamento era tratar bem o cão.

0 novo-rico muda-se para a Corte. Fica conhecendo o casal Palha e Sofia. E o pobre mestre-escola fica apaixonado por ela. Que olhos, que ombros, que braços!... Vinte e seis anos... Cada aniversário era um novo polimento dado pelo tempo. É bonita, sabe que é, e sabe mostrar-se. 0 marido gostava de mostrá-la a todos: vejam o que são as minhas e de se mostrar . E Sofia aprendeu logo e bem a arte se mostrar. Sofia seduz Rubião. Engana-o... Busca o dinheiro. Ganha presentes riquíssimos. O marido funda até a sociedade Palha e Cia.

É o dinheiro de Rubião que vai correndo. Muito depressa. A Sofia tem lá os seus desejos escondidos para com o galanteador Carlos Maria, Pobre Rubião! 0 dinheiro acabando, os amigos vão minguando, e a loucura vai chegando. Rubião passa pelas ruas aos gritos dos moleques (0 gira, ó gira...) certo que é Napoleão III . Metem-no num Sanatório. Rubião foge do sanatório do Rio e vai para Barbacena. Lá morre. E três dias depois encontraram o cão Quincas Borba, também morto, numa rua.

É o fim? Leitor: "eia, chora os dois recentes, se tens lágrimas.Se so tens risos, ri-te. É a mesma coisa. É outra crônica de fraquezas e misérias morais, concluída com uma filosofia desencantada, a filosofia do Humanitas: "Ao vencedoras batatas"... Uma súbita fortuna, uma paixão adúltera, ambições políticas acabam levando Rubião à loucura. Ele, que antes era um humilde mestre-escola, ingênuo e puro, envolve-se em um novo mundo, violento e agressivo. A fraqueza o destrói.

Narrado em 3a Pessoa. É o mais objetivo dos Romances de Machado. Análise psicológica de um homem Pobre que subitamente fica rico e a fortuna arrasta-o à loucura. E só a loucura salva Rubião do destino vulgar de vaidoso rico, explorado pelos que o cercam.

O Humanitismo:

"Ao vencedor, as batatas", pode ser interpretado como uma paródia irônica ao positivismo e evolucionismo. Posições filosóficas dominantes na segunda metade do século XIX-. É uma caricatura do princípio da evolução e da seleção natural que, na época, saíam do campo da biologia para impregnar a filosofia.

DOM CASMURRO

A própria personagem central, Bentinho, é que conta a sua história. Principia dizendo que está morando, sozinho, auxiliado por um criado, no Engenho Novo (Rio de Janeiro), em uma casa que ele mandara construir igual àquela em que passara a infância, em Matacavalos. Como vive isolado, os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro, apelido que pegara. A história principia quando Bentinho já está com quinze anos e sua amiga de infância, Capitu, com quatorze.

Os dois crescem juntos e se estimam sinceramente. Dona Glória, mãe de Bentinho, viúva, tendo sido infeliz no primeiro parto, fizera a Deus uma promessa, se fosse bem sucedida no segundo parto, o filho seria religioso (padre ou freira, conforme o sexo) – Por isso, estava disposta a cumprir a promessa: Bentinho iria para o seminário.

À medida que o tempo passa e que a amizade de Bentinho e Capitu se transforma em namoro sério e apaixonado, a idéia do seminário vai-se tornando um grave problema para os dois, que buscam todas as maneiras de evitá-lo. Justina, prima de Dona Glória, que vivia em Casa desta, e a quem Bentinho suplica que interceda com a mãe em seu favor, se nega. José Dias, velho empregado da casa, muito estimado, diz que o problema não é fácil, pois o melhor é, antes, "aplainar o caminho". 0 próprio Bentinho, de índole tímida, tenta falar com a mãe, mas nem sequer consegue dizer-lhe o que quer. Capitu, e Bentinho perdem as esperanças de evitar o seminário. De qualquer modo, amando-se sinceramente, juram que, aconteça o que acontecer, se casarão. Bentinho irá para o seminário, mas ficará apenas algum tempo. Depois sairá e serão felizes.

No seminário, Bentinho trava conhecimento com Escobar, que se toma seu amigo e confidente. A vida agora transcorre entre os estudos eclesiásticos e as visitas semanais à sua casa. Escobar em conversa com bentinho, tem uma idéia: Dona Glória, rica que é, poderia cumprir a promessa de outro modo, isto é, custeando as despesas de um seminarista pobre, ficando Bentinho livre do seminário. A idéia vinga e Bentinho retoma à casa. Anos depois, já formado em Direito, casa-se com Capitu e começam uma vida repleta de felicidades. E essa felicidade ainda se torna maior quando Escobar, que também saíra do seminário, casa-se com Sancha, amiga de Capitu.

As duas famílias visitam-se freqüentemente. Escobar e Sancha têm uma filha, à qual dão o nome de Capitolina (Capitu). A única tristeza (se é que se pode chamar tristeza) é não terem, Bentinho e Capitu, um filho. Por isso, fazem promessas e rezam continuamente. E o filho vem: um menino, a alegria dos pais. Chama-se Ezequiel. Escobar vem morar mais próximo de Bentinho e Capitu. Certo dia, Escobar se aventura nadando pelo mar agitado e morre afogado. Sancha retira-se para o Paraná, onde possuía parentes.

E a vida continua, feliz. Só uma coisa principia a preocupar cada vez mais seriamente a Bentinho: Ezequiel, à medida que vai crescendo, vai-se tornando uni retrato vivo do falecido amigo. Os mesmos traços, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, o mesmo andar, até os mesmos tiques. A dúvida atormenta Bentinho, e uma infinidade de pequenas coisas que no passado haviam passado despercebidas começam a avolumar-se confirmando as suspeitas: Capitu o traíra. Um dia explode com Capitu, que não consegue encontrar meios de escusar-se. Pelo contrário, suas desculpas confirmam definitivamente a culpa. Bentinho leva a esposa adúltera? E o filho de Escobar para a Suíça, onde deles se separa. Tempos depois Capitu vem a falecer. Ezequiel, já moço, surge em casa de Bentinho: tornara-se a cópia do pai. Ezequiel não pára no Brasil e, participando de uma excursão no Oriente, também morre.

É o término do livro. Conclui Machado de Assis: "A minha primeira amiga e o meu melhor amigo, tão extremosos ambos e tão queridos, também quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me. A terra lhes seja leve"!

Narrado na primeira pessoa, Bentinho (D. Casmurro), propõe-se a "ATAR AS DUAS PONTAS DA VIDA". Ao evocar o passado, a personagem – narrador coloca-se num ângulo neutro de visão. Dessa maneira, pode repassar, sem contaminá-los, episódios e situações, atitudes e reações, acompanhadas apenas da carga emocional correspondente ao impacto do momento da ocorrência. Simultaneamente, opõe a esse ângulo de reconstituição do passado o ângulo do próprio momento da evocação, marcado pelo desmoronamento da ilusão de sua felicidade. Dessa forma temos uma dupla visão da experiência, reconstituída em termos de exposição e de análise. A visão esfumaçada do adultério é um dos requintes do "Bruxo do Cosme Velho" (Machado). Parece inspirado no drama de Otelo, de Shakespeare.

CAPITU: "olhos de ressaca", "cigana oblíqua e dissimulada" é a mais forte criação de Machado. Com inalterada frieza e racionalidade calculada vai tecendo o seu destino e também o dos outros.

ESAÚ E JACÓ

É a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade, que desde o nascimento dos meninos só pensa num futuro cheio de glória para eles. À medida que vão crescendo, os irmãos começam a definir seus temperamentos diversos: são rivais em tudo. Paulo é impulsivo, arrebatado, Pedro é dissimulado e conservador – o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Já adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política – Paulo é republicano e Pedro, monarquista. Estamos em plena época da Proclamação da República, quando decorre a ação do romance.

Até em seus amores, os gêmeos são competitivos. Flora, a moça de quem ambos gostam, se entretém com um e outro, sem se decidir por nenhum- dos dois: é retraída, modesta, e seu temperamento avesso a festas e alegrias levou o conselheiro Aires a dizer que ela era "inexplicável". 0 conselheiro é mais um grande personagem da galeria machadiana, que reaparecerá como memorialista no próximo e último romance do autor: velho diplomata aposentado, de hábitos discretos e gosto requintado, amante de citações eruditas, muitas vezes interpreta o pensamento do próprio romancista.

As divergências entre os irmãos continuam, muito embora, com a morte de Flora, tenham jurado junto a seu túmulo uma reconciliação

perpétua. Continuam a se desentender, agora em plena tribuna, depois. Que ambos se elegeram deputados, e só se reconciliam ao fim do livro, com novo juramento de amizade eterna, este feito junto ao leito da mãe agonizante.

Narrado em terceira pessoa pelo o Conselheiro Aires. Há referências à situação política do Pais, na transição Império/República. É marcado pela ambigüidade e contradição. Pedro e Paulo são "os dois lados da verdade".

MEMORIAL DE AIRES

Este é o último romance do autor. Aqui, dois idílios são narrados paralelamente, ao longo das memórias do conselheiro Aires, personagem surgido em Esaú e Jacó: o do casal Aguiar e o da viúva Fidéfia com Tristão. Trata-se de um livro concebido em tom íntimo e delicado, às vezes repleto de melancolia. Nele Machado de Assis pôs muito dos últimos anos de sua vida com Carolina, falecida quatro anos antes da publicação. Não há muito que contar, senão pequenos fatos da vida cotidiana de um casal de velhos. 0 estilo é de extrema sobriedade, e o autor, já na velhice, pretendeu com este livro prestar um depoimento em favor da vida, ainda que em tom de mal disfarçada tristeza e até mesmo desolação.

Memorial de Aires (1908) opera um verdadeiro retrocesso na obra machadiana. Nele o romancista retorna à concepção romântica, mitigada pelo ceticismo risonho do conselheiro Aires. Ai se respira a mesma atmosfera dos seus primeiros romances: os seres são de eleição e a vida gira em torno do amor. Distingue-o, porém, e torna-a muito superior àqueles a mestria do ofício, o domínio do instrumento.

Como novidade, traz a forma de diário e o narrador não é onisciente; observa como simples comparsa os personagens principais, procura adivinhar-lhes o íntimo através de suposições próprias ou através de informações alheias – a dar alguma idéia do processo de Henry James, este, entretanto, muito outro, com outras intenções e de outra tessitura.

******